



Projeto pioneiro de sustentabilidade do MBA IBRI/FIPECAFI completa 17 anos

Em uma época em que pouco se falava sobre sustentabilidade, alunos do curso se mobilizaram para deixar uma contribuição sobre a adoção de hábitos sustentáveis

“Somos preocupados não apenas com nosso futuro profissional, mas, também, em difundir mudanças de hábitos e contribuir com o meio ambiente”, a frase foi o *slogan* dos alunos da 6ª turma do MBA Finanças, Comunicação e Relações com Investidores do IBRI (Instituto Brasileiro de Relações com Investidores) com a FIPECAFI (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras) ao lançarem o Projeto Zero Carbono em 2007.

O Projeto Zero Carbono nasceu durante a 9ª edição do Encontro Nacional de RI e Mercado de Capitais, promovido pelo IBRI em parceria com a ABRASCA (Associação Brasileira das Companhias Abertas), em junho de 2007. “Havia um estande da Keyassociados, consultoria especializada em gestão

empresarial, e eles estavam fazendo a medição individual de emissão de carbono de cada participante e quantas árvores seriam necessárias plantar para neutralizar essas emissões. Fiz a simulação e o resultado foram três árvores a serem plantadas para neutralizar as minhas emissões naquele ano”, relembra Fabio Romanin, Head de Relações com Investidores da Enel Brasil, idealizador e coordenador do Projeto.

Na ocasião, ele já cursava o MBA Finanças, Comunicação e Relações com Investidores e estava muito conectado com a questão de sustentabilidade, uma vez que no Bradesco, onde trabalhava na época, o Departamento de Relações com o Mercado tinha a área de Relações com Investidores e Sustentabilidade sob o mesmo guarda-chuva. “O Bradesco, que patrocinou o nosso Projeto, fez várias ações ligadas à sustentabilidade e ao plantio de árvores e aquilo estava muito presente no meu dia a dia. Foi então que tive a ideia de sugerir para a minha turma fazermos a neutralização das emissões de carbono de todos durante o período do MBA”, relata Romanin.

A motivação do Projeto foi neutralizar as emissões de poluentes e atuar como multiplicadores da consciência ambiental. Em um primeiro momento, Fabio Romanin compartilhou a ideia com a coordenadora do curso, a professora Marina Mitiyo Yamamoto, e com a Diretoria Executiva do IBRI. Ambos apoiaram e “acabou se convertendo no meu trabalho de conclusão de curso. Não foi uma tarefa simples, mas desde o início deu certo, uma vez que todos abraçaram o Projeto, desde o jardineiro, o engenheiro, os professores da USP até a FIPECAFI e o IBRI”, comenta.

Na visão de Luiz Roberto Cardoso, Superintendente do IBRI, foi um projeto que antecedeu uma tendência que viria muitos anos depois. Para Cardoso, um ponto de destaque foi a união dos alunos para colocar em prática uma iniciativa pioneira nos cursos de MBA no Brasil. “Ficamos muito contentes em apoiar um Projeto pioneiro de uma turma do nosso MBA e muitos dos profissionais dessa turma ainda participam do Instituto”, destaca Luiz Cardoso.

Marina Mitiyo Yamamoto, professora do Departamento de Ciências Contábeis EPPEN-UNIFESP – Pesquisadora do tema Governança Corporativa, ressalta que a sustentabilidade ambiental se tornou mais evidente nas discussões em termos globais a partir do Protocolo de Kyoto, que foi criado em 1997 e entrou em vigor em fevereiro de 2005, definindo metas de redução de emissões de gases de efeito estufa para os países que o aderisse. Segundo ela, o Brasil teve grande importância na evolução desse tema, sediando a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, conhecida como Rio 92. Para Marina Yamamoto, ao olhar para esse histórico, temos vários anos de discussões e ainda muito a ser feito, apesar de avanços relacionados aos aspectos legais e de conscientização da sociedade como um todo.

“Apesar de uma andorinha não fazer verão, iniciativa individual, como a do Fabio Romanin, em 2007, há uma contribuição significativa para melhora do nosso ambiente. Eu me lembro com muita clareza

quando o Romanin, então aluno, bastante jovem e ousado, apresentou o Projeto e liderou a caravana dos alunos, professores do MBA e representantes do IBRI para participarem do plantio, experiência única para todos nós. Assim, eu acredito que se cada um fizer a sua parte e exigir posturas mais sustentáveis por parte das empresas, governo e cidadãos, vamos contribuir para os avanços relacionados à sustentabilidade, pelo exemplo de conduta, que é a melhor forma de educação”, conclui.

Estruturando o Projeto

“A Keyassociados fez o mapeamento de todas as emissões do curso inteiro, desde o dispêndio de papel com as apostilas e materiais utilizados. Era servido café da manhã e almoço para os alunos no local, pois as aulas aconteciam aos sábados, e tanto o preparo como descarte das refeições também foram computados. Tinha alunos e professores que moravam em outros Estados e vinham de avião, esses trajetos também foram computados, assim como o deslocamento de todos os estudantes e professores nos dias de aula. Tudo foi considerado”, afirma Fabio Romanin.

Com os cálculos chegaram a um número de 86 árvores a serem plantadas para compensar as 51 toneladas de gases emitidos pelos alunos em 18 meses de curso. Eles foram além e, como forma de contribuição adicional, para compensar a inexistência de outras iniciativas, a turma plantou 300 árvores. Para determinar a escolha do local, Fabio Romanin diz que fez uma pesquisa na região onde o plantio tivesse um significado ou um propósito. Santana de Parnaíba é uma cidade histórica, fundada em 1580 por bandeirantes, e tinha uma área da EMAE (Empresa Metropolitana de Águas e Energia), que seria transformada num parque.

“Eles queriam fazer o plantio nessa área que estava um pouco degradada, inclusive havia um mau cheiro do rio Tietê, que se espalhava pela cidade. Plantar árvores naquela região traria um benefício adicional à população da região do centro histórico, criando uma barreira natural que amenizaria a proliferação do mau cheiro do rio. A Secretaria de Cultura e Turismo cedeu a área que é banhada pelo Rio Tietê e palco de eventos nacionalmente reconhecidos como a Encenação da Paixão de Cristo”, explica Fabio Romanin.

Na época do Projeto, em 2007, Santana de Parnaíba buscava recuperar sua flora local e a árvore canela preta era muito especial para a cidade. O assoalho da Igreja Matriz de Sant’Anna foi feito de madeira dessa árvore, que era abundante na região até o século XIX e estava em extinção. “Na conversa com a secretária de Cultura e Turismo, ela disse que se encontrássemos a muda da canela-preta para plantar seria a cereja do bolo. E essa árvore virou a principal contribuição do projeto para a cidade e se tornou o símbolo do projeto. Foi muito difícil encontrar essa espécie, falei com várias pessoas em viveiros do país e não encontrava a muda. Ela era muito rara, mas consegui localizar na região de Mogi das Cruzes”, relata Romanin.

“Contratamos um engenheiro florestal, ele fez a análise da região e das espécies *in loco*, e indicou as mudas que melhor se encaixavam na fauna e flora local. Contratamos também uma equipe de jardinagem. Foram plantadas 300 mudas e o projeto não finalizou no dia do plantio, pois contemplava a manutenção dessas árvores por um período de seis meses. A equipe de jardinagem foi até o local para fazer aplicação de adubos e inseticidas para que as árvores vingassem. Esse trabalho foi feito, as árvores estão lá e podem ser vistas durante os eventos que acontecem na região. Hoje o acesso ao local é um pouco restrito. Sempre passo lá e vejo pela estrada que a região está fechada pelas árvores”, comemora.

Legado da turma do MBA para o meio ambiente

Para Fabio Romanin, a contribuição dos alunos da 6ª turma do MBA IBRI/FIPECAFI é um eterno legado para o meio ambiente. “Não entendíamos nada de fauna, flora e espécies de mudas e, de repente, as pessoas foram até lá para fazer o plantio da sua árvore. Vai ficar na lembrança de todos”, celebra.

De acordo com ele, em 2007, pouco se falava sobre sustentabilidade e havia muito modismo e *greenwashing*. Hoje, Fabio Romanin acredita que as empresas estão mais dedicadas a essa questão, prova disso são os relatórios exigidos pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários). “A autarquia obriga a divulgação de temas relacionados a ASG (Ambiental, Social e Governança) no Formulário de Referência, há também a adoção do IFRS S1 e IFRS S2 que passa a ser obrigatória a partir de 2026, a CVM foi pioneira no mundo a aderir este padrão. Com tudo isso que está acontecendo, não tem como a empresa não aderir e não incorporar práticas sustentáveis no negócio. É um caminho sem volta”, menciona Romanin.

Nessa linha, ele reforça a mensagem da importância de engajamento com a temática de sustentabilidade e diz que o investidor está cada vez mais preocupado com essa questão, avaliando se a empresa tem boas práticas de governança, cuidados com o meio ambiente, programas de inclusão, questões sociais, entre outros assuntos. “Hoje evoluiu bastante, mas acredito que ainda há espaço para melhorar. Felizmente o projeto trouxe uma mudança de comportamento no meu dia a dia. Desde então fiquei mais atento às questões climáticas e procuro adotar práticas mais sustentáveis, uma vez que uma coisa é o discurso ao investidor, mas e a minha parte? O que eu estou fazendo? Quando saímos do discurso e partimos para a prática, tudo muda, e é dessa forma que acredito que as pequenas ações podem transformar o mundo em que vivemos”, conclui.